



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

JOÃO MAURICIO RODRIGUES NUNES

BANGUÊ COMO PRÁTICA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA COMUNIDADE
DE RIO JACARÉ XINGÚ CAMETÁ-PA

Cametá/Pa
2018

JOÃO MAURICIO RODRIGUES NUNES

BANGUÊ COMO PRÁTICA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA COMUNIDADE
DE RIO JACARÉ XINGÚ CAMETÁ-PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará - Campus Universitário do Tocantins/Cametá, como requisito parcial para a obtenção de Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia, sob a orientação do Professora Doutora Benedita Celeste de Moraes Pinto.

Cametá-Pará
2018

JOÃO MAURICIO RODRIGUES NUNES

BANGUÊ COMO PRÁTICA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA COMUNIDADE
DE RIO JACARÉ XINGÚ CAMETÁ-PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará - Campus Universitário do
Tocantins/Cametá, como requisito parcial para a
obtenção de Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Aprovado em: 10 de Outubro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a Benedita Celeste de Moraes Pinto
Orientadora - UFPA

Prof^a. Msc. Maria Gorete Cruz Procópio
Examinadora Interna – UFPA

Prof^a. Msc. Gislane Damasceno Furtado
Examinadora Interna – UFPA

CAMETÁ – PARÁ
2018

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Paulo Freire)

Este trabalho é dedicado em memória a Nelson Alves Rodrigues, grande homem que muito lutou pela cultura e para a divulgação e valorização do Banguê. Suas lutas não foram em vão o banguê vive e resiste ao tempo meu avô querido e amado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que esteve ao meu lado e me deu força, ânimo para não desistir e continuar lutando por este meu sonho e objetivo de vida.

Ao meu pai João Damascena Nunes e a minha mãe Maria Neidina Rodrigues Nunes, pelo amor, incentivo e apoio que venho recebendo durante a minha vida e, mais ainda nesses últimos quatro anos.

As minhas irmãs Raquel, Fátima e Daiane que sempre me ajudaram e me deram força e incentivo para que eu conseguisse vencer esta trajetória.

Aos meus sobrinhos Rita de Cássia, Victor Rafael, Alice, Pedro Henrique e Ayla que sempre me trazem alegria.

Aos meus colegas da pedagogia 2014, e principalmente as minhas colegas da equipe superação Kleicy Hellen, Maria Eduarda e Ronivalda.

A todos os professores que me proporcionaram adquirir conhecimentos.

A minha orientadora Benedita Celeste Pinto, que me orientou com muita sabedoria e dedicação, o meu muito obrigado.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito Obrigado.

RESUMO

O presente estudo foi centrado na Comunidade de Rio Jacaré Xingú, no município de Cametá-Pará, tendo como objetivo analisar a prática cultural Banguê como instrumento pedagógico no ensino e na aprendizagem de diferentes gerações na comunidade de Rio Jacaré Xingú. Assim como, conhecer a importância histórica do Banguê nas comunidades ribeirinhas, compreendendo como se dá a relação dos saberes e práticas culturais proporcionadas pelo Banguê na construção da identidade da população do Rio Jacaré Xingú. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo partiu de uma pesquisa bibliográfica em busca de trabalhos que falasse acerca do tema proposto, como: CANDAU (2011), FREIRE (2005), PINTO (2007), GOMES (2003) entre outros, que abordam a temática em questão, após o levantamento bibliográfico foi realizado a pesquisa de campo quando feita a coleta de dados na localidade de Rio Jacaré Xingú, através da observação do dia a dia da referida localidade, com realização de uma série de entrevistas com os integrantes do grupo de Banguê, além de professores, alunos e moradores locais. Neste sentido, a pesquisa se utilizou de fonte oral, mediante aos relatos orais e histórias de vida, coletados através das entrevistas, observação do cotidiano e conversas informais. Dados da pesquisa apontam, que o Banguê é uma prática cultural afro-brasileira que deve ser vista como uma prática pedagógica, capaz de afirmar identidades e fazer com que as populações ribeirinhas se reconheçam como sujeitos históricos no processo educacional, pois essa prática é carregada de saberes que estão arraigados nas vivências cotidianas, na memória dos mais velhos, nos gestuais corpóreos, na musicalidade, nas diferentes formas de trabalho e de diversão, na confecção das ferramentas e petrechos de trabalhos, e nos instrumentos musicais do Banguê.

PALAVRAS-CHAVES: Banguê, Prática cultural, Processos de aprendizagens.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS _____	09
CAPITULO I: O BANGUÊ NOS DIVERSOS OLHARES, TEMPOS E ESPAÇOS _____	13
2.1 ENTRE BATUQUE E HISTÓRIA _____	14
2.2 RIO JACARÉ XINGÚ HISTÓRIA, MEMORIA E SABERES _____	16
2.3 ECONOMIA, SUSTENTO E ATIVIDADES PRODUTIVAS _____	18
CAPITULO II: O BANGUÊ INSTRUMENTO PEDAGÓGICO QUE VIVE E RESISTE _____	23
2.1 ENTRE RIOS BATUQUES, CANTORIAS E SABERES _____	26
2.2 BANGUE E A RELIGIOSIDADE _____	27
2.3 BANGUÊ MUSICALIDADE E PRODUÇÃO _____	28
2.4 ESPAÇO ESCOLAR E BANGUE _____	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	40
FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA _____	41
BIBLIOGRAFIA _____	42

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo tem como lócus de pesquisa a Comunidade¹ de Rio Jacaré Xingú, no município de Cametá-Pará, tendo como objetivo analisar a prática cultural Banguê² como instrumento pedagógico no ensino e na aprendizagem de diferentes gerações na comunidade de Rio Jacaré Xingú. Assim como, conhecer a importância histórica do Banguê nas comunidades ribeirinhas, compreendendo como se dá a relação dos saberes e práticas culturais proporcionadas pelo Banguê na construção da identidade da população do Rio Jacaré Xingú.

A educação brasileira embasada num ideal de igualdade formulou e pôs em prática uma educação padronizadora, homogeneizadora e monocultural, deixando de lado as múltiplas culturas envolvidas dentro do processo escolar, como afirma Candau (2011):

Parto da afirmação de que não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica “desculturada” isto é desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade (CANDAUI, 2011, p. 13).

Portanto, podemos perceber que a cultura de um povo precisa ganhar visibilidade social e é assim que surge o movimento do multiculturalismo que busca a incorporação da pluralidade cultural de grupos sociais que, de uma forma ou de outra, são excluídos dos centros de decisão por questões econômicas e, sobretudo por questões culturais. O multiculturalismo nasce das iniciativas de jovens negros que tinham como seu alvo a mudança dos sistemas de ensino (GONÇALVES; SILVA, 2006).

Sendo assim, Dayrell analisa em *Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura* (1996) a escola como um espaço sociocultural que precisa levar em conta a cultura e a realidade, vendo os alunos como sujeitos sociais e históricos. Além de fazer críticas ao modelo de educação atual no Brasil, onde a escola é vista:

¹ Esse trabalho entende comunidade como um grupo específico de pessoas que reside em uma área geográfica determinada, compartilham uma cultura comum e um modo de vida, são conscientes do fato de que compartilham certa unidade que pode atuar coletivamente em busca de um objetivo.

² “O Banguê é uma espécie de cantoria acompanhada de dança, de origem negra; é formado por um grupo de pessoas, que cantam em duas vozes, improvisando os versos musicais. Semelhante ao Samba de Cacete, possui letras que traduzem algum fato pessoal, popular ou regional; episódios vividos, que musicados passam de uma geração para outra. (...) É uma dança rápida, saltadinha. Os dançarinos ou casais saem para roda (sala) a fim de dançar de rosto bem coladinho, enquanto os bustos e quadris têm que se manterem afastados” (PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Memória, oralidade, dança, cantorias e rituais em povoado amazônico. Cametá: BCMP Editora, 2007).

Como uma instituição única, com os mesmos sentidos e objetivos, tendo como função garantir a todos o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade. Tais conhecimentos, porém, são reduzidos a produtos, resultados e conclusões, sem se levar em conta o valor determinantes dos processos. Materializados nos programas e livros didáticos, o conhecimento escolar se torna “objeto”, “coisa” a ser transmitida (DAYRELL, p. 139).

Portanto, a educação brasileira precisa ser repensada. O cotidiano dos alunos precisa ser incorporado nas salas de aula. Nilma Lino Gomes, no estudo *Cultura Negra e Educação* (2003) afirma que a educação precisa inserir alguns aspectos que por muito tempo passaram despercebidos pela educação, ela trabalha com a corporeidade e a manipulação do cabelo atentando para a questão negra, como trabalhar em sala de aula com esses temas como uma forma de valorização da cultura e da identidade dos sujeitos (GOMES, 2003).

Partindo dos pressupostos, verifica-se que, o Banguê, uma prática cultural de origem negra, composta por cantos e dança, cujas letras musicais traduzem fatos populares ou regional, precisa ser visto como instrumento de ensino e aprendizagem capaz de valorizar a cultura local e de afirmar identidades.

A cultura brasileira é rica em danças, rituais e cantorias, a transmissão e conservação de tais práticas tornam-se essenciais para a valorização e o respeito da história e da cultura afro-brasileira. Durante anos a história e cultura dessa população eram invisíveis, situação que começou mudar a partir da Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e que logo foi incorporada a lei de nº 11.645/08, que tornou obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e indígena, passando a beneficiar a formação curricular, exigindo a criação de novas abordagens em relação à história afro-brasileira nas escolas (NUNES, 2014).

É preciso atentar que os estudos relacionados a cultura vem se desenvolvendo cada vez mais graças aos Estudos Culturais que muito contribuiu para a inclusão da diversidade cultural dentro da sala de aula, porque a partir dos avanços dos Estudos Culturais, buscou-se analisar as várias culturas dos povos que eram considerados excluídos. Diante disso:

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras de mundo, repudiando aqueles que se interpõe, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso (VEIGA-NETO, 2003, p. 36).

A antropologia e a etnografia também levaram a esse avanço que estamos vivendo atualmente, pois esses estudos nos levam a pensar e valorizar o “outro” e a diversidade de

saberes que constitui um povo e como as práticas culturais de um determinado povo pode nos levar a repensar a educação brasileira hoje (DAUSTER, 1996).

Sendo assim, a prática cultural Banguê tem grande relevância para os estudos acadêmicos, pois é uma prática cultural afro-brasileira que deve ser vista como uma prática pedagógica, capaz de afirmar identidades e fazer com que as populações ribeirinhas se reconheçam como sujeitos históricos no processo educacional. Pois, essa prática cultural é carregada de saberes que estão arraigados nas vivências cotidianas, na memória dos mais velhos, nos gestuais corpóreos, na musicalidade, nas diferentes formas de trabalho e de diversão, na confecção das ferramentas e petrechos de trabalhos, e nos instrumentos musicais do Banguê (PINTO, 2007). Daí porque o presente trabalho buscou analisar o Banguê como instrumento pedagógico no ensino e na aprendizagem de diferentes gerações na comunidade de Rio Jacaré Xingú.

Desta forma, a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo partiu primeiramente de uma pesquisa bibliográfica em busca de trabalhos que tratasse acerca do tema proposto, como: CANDAU (2011), FREIRE (2005), PINTO (2007), GOMES (2003) entre outros que abordam a temática em questão. Após o levantamento bibliográfico foi realizado a pesquisa de campo quando foi feita a coleta de dados na localidade de Rio Jacaré Xingu, através da observação do dia a dia da referida localidade, com realização de uma série de entrevistas com os integrantes do grupo de Banguê, além de professores, alunos e moradores locais. Neste sentido, a pesquisa se utilizou de fonte oral, mediante aos relatos orais e histórias de vida, coletados através das entrevistas, observação do cotidiano e conversas informais.

Além disso, pessoalmente, esse trabalho me dá a oportunidade de conhecer melhor a minha cultura e como posso me utilizar de uma prática que há anos está presente na minha família como uma ferramenta educacional e de valorização cultural. Meu interesse por esse tema surgiu anos atrás quando eu, meus familiares e amigos, que moram no Rio Jacaré Xingú, reconstruímos os instrumentos de meu avô para dar continuidade a prática do Banguê. Apresentávamos-nos em eventos, festas e no dia 6 de janeiro, que se comemora o dia dos reis magos. Na ocasião, saímos com o grupo de Banguê “tirando rei”³, uma prática muito peculiar da região tocantina, principalmente, nas localidades ribeirinhas.

³ Tirar rei é uma prática que se dá no dia 6 de janeiro. A data marca, para os católicos, o dia para a veneração aos Reis Magos, que a tradição surgida no século VIII converteu nos santos Belchior, Gaspar e Baltazar. Sendo assim na região Tocantina tem o costume dos grupos de Banguê tocarem de casa em casa buscando arrecadar “donativos” (presentes) para os participantes.

A partir do meu ingresso no curso de graduação em Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, vislumbrei estudar esta prática cultural, que tanto me fascina. Apesar das dificuldades encontradas para o desenvolvimento desse trabalho, isso pelo fato de alguns professores da área da pedagogia não se sentirem confortáveis em orientar trabalho com a temática, assim busquei auxílio, e encontrei pessoas que me ajudaram na sua elaboração, como a professora Benedita Celeste Pinto, que aceitou orientar o presente estudo, além de o seu livro ter se tornado uma das minhas maiores fontes de estudo. Pois, a referida professora/pesquisadora há anos se debruça em pesquisar as práticas culturais da população da região tocantina, através da oralidade, memória e saberes. Estudar o livro *Memória, oralidade, dança, cantorias e rituais em povoado amazônico* (2007), desta professora, me possibilitou analisar não só os grupos de Banguê, como pingo de ouro da vila de Juaba, que é uma referência para os outros grupos, me auxiliou pensar melhor meu objeto de pesquisa.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro, intitulado “*O Banguê nos Diversos Olhares, Tempos e Espaço*”, traz uma discussão historiográfica a respeito da temática Banguê enquanto prática cultural, abordando as diversas discussões em torno do tema, além de conceituar saberes formais e os saberes não formais. O segundo capítulo, intitulado “*O Banguê Instrumento Pedagógico que Vive e Resiste*”, discorre a respeito da prática cultural do Banguê, fazendo uma análise de como essa prática é carregada de saberes e como ela está enraizada nas vivências dos ribeirinhos da localidade de Rio Jacaré Xingú.

CAPITULO I

O BANGUÊ NOS DIVERSOS OLHARES, TEMPOS E ESPAÇOS.

1.1 ENTRE BATUQUE E HISTÓRIA

As cantorias do Banguê embalarão gerações e representa uma prática cultural muito importante na região Tocantina. Mas para entendermos melhor essa prática, que perdura por anos é preciso entender como ela surgiu e se incorporou em nossa cultura.

Não nos resta dúvidas que muita da nossa cultura vêm dos nossos descendentes negros, pois, o fluxo de homens e mulheres trazidos da África para o Brasil como mão de obra escrava no período colonial era muito grande, e estes africanos traziam consigo suas vivências, religião, saberes, história e cultura, que influenciaram e contribuíram para a formação das identidades culturais do povo brasileiro. O que leva muitos especialistas de diversas áreas a se debruçarem nos estudos acerca da temática negra. A presença africana ocorreu em todas as regiões brasileiras, com maior ou menor força de acordo com os ciclos econômicos. As regiões Sudeste, Nordeste e também na região Norte e esse fato deixou marca importante que permanece ainda hoje na nossa cultura, ensinamentos, identidade, ritmos e musicalidade (GODOI, 2011).

Contudo, ressalto a dificuldade encontrada em torno da ausência de estudos relacionados a temática do Banguê, pois, mesmo sendo uma prática cultural tão antiga da região Tocantina, ainda são poucos os trabalhos que se ocupam com detalhes dessa prática cultural, principalmente no que se refere ao ensino e aprendizagem.

Falar em Banguê como instrumento pedagógico no ensino e na aprendizagem de diferentes gerações, obriga a falar da educação formal e não formal em nossa sociedade, a autora Maria da Glória Gohn enfatiza que a educação não formal não tem a intenção de substituir a educação formal que tem um papel fundamental na construção de conhecimento, mas as duas se completam. Segundo Gohn a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, a qual afirma que a educação desenvolve-se em inúmeros espaços, abrindo caminho para o debate institucional sobre a educação não formal. Posteriormente, em 2006, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, ao referirem que a educação não escolar é campo de atuação do pedagogo, incorporaram a discussão que dão espaço para a discussão em torno da educação não formal. Sendo assim a educação formal, ressalta o espaço territorial da escola, a sua regulamentação e normatização, assim como a presença dos currículos. Já na modalidade não formal, referencia a tese da intencionalidade, o aprendizado espontâneo e a instrumentalidade presente na figura do educador social, além de critérios de solidariedade e identificação de interesses comuns; na informal, destaca os processos de socialização gerados no interior de relações intra e extrafamiliar (GOHN, 2010).

Como a autora nos apresenta, a educação não formal acontece na espontaneidade e identificação o que presenciamos no Banguê as criações de encantam com os batuques e a musicalidade nele presente gerando um espaço de saberes.

A presença da música na vida das pessoas é muito importante e se faz presente em muitas sociedades e em muitas culturas além do mais, vêm acompanhando a história da humanidade e se fazendo presente em diferentes continentes (GODOI, 2011). A música é uma forma de expressão artística, tanto no campo cultural como no campo da educação.

A música do Brasil se formou a partir da mistura de elementos europeus, africanos e indígenas, trazidos respectivamente por colonizadores portugueses, escravos e os padres jesuítas que a usava em cultos religiosos e para atrair atenção à fé cristã. Os nativos que aqui já habitavam também tinham suas práticas musicais, fato que ajudou a estabelecer uma enorme variedade de estilos musicais, que se solidificaram com o decorrer da história (GODOI, 2011, p.12).

No Brasil a música se constituiu das misturas de culturas e formando a nossa tão peculiar e distinta musicalidade. Mas, a música em nosso dia-a-dia perpassa o campo do ouvir e adentra na questão do aprender. Segundo Godoi, a música está presente em diversas atividades da vida humana, possibilitando a interação com o mundo a sociedade e também uma forma de afirmação de identidade (GODOI, 2011).

1.2 RIO JACARÉ XINGÚ HISTÓRIA, MEMÓRIA E SABERES

A localidade de Rio Jacaré Xingú, é uma ilha de terra baixa e alagadiça, que fica localizada as margens do rio Tocantins, no distrito de Curuçambaba, Município de Cametá, Estado Pará (Queira ver figura 01). Segundo um de nossos entrevistados seu Benedito Alves Xavier o nome Jacaré Xingú se deu da seguinte forma.

Essa ilha aqui era semi deserta, morava um casal, u homem era português e a mulher era índia, o nome do português era Henrique e da mulher era Thiara, eles viviam ai num tapirí. Tapirí é uma casa sem parede, uma casa coberta com folha de ubim é tipo uma palha nem sei se ainda tem poraqui, coberto com aquilo, num num terreno chamado Belmiro eles tinham lá o tapiri deles. Então um belo dia chegou aqui na ilha... ia entrando um reboque, era a canoa movida a remo de faia, onde ia um missionário português, i quem remava pra ele eram escravos, mas ele não considerava escravos aqueles cidadãos. Eles entraram em tudo enquanto igarapé não encontraram lugar que agradasse eles, quando chegaram no Belmiro, eles viram aquele tapirí, chamaram não viram ninguém, desceram no terreiro e viram rastro, eles foram atrás, quando eles chegaram o casal tava pegando peixe no igarapé com paneiro, mas dê repente a mulher gritou e ai o Henrique o que fui, ela disse um bicho me bateu, e eles tavam pegando pegando peixe e camarão e metiam a mão embaixo dum pau, mas não era pau, era um bicho que eles não sabiam o que era, e era um bicho chamado Jacaré, foi quando nessa hora o missionário chegou lá, ele não tinha outra coisa na mão se não um bacamarte era missionário levava um bacamarte, bacamarte era uma arma que tinha uma boca grande, e ele gritou e o Henrique respondeu se assustou, e ele então disse o que eles estavam fazendo, ai Henrique respondeu que tavam pegando peixe. O Jacaré quando ele é ele faz um xiado e a mulher foi experimentar ver se era bicho mesmo, ela emporou e ele bateu a mulher e fez xiiii, ai ela gritou pro Henrique, Henrique depressa que eu estou batida o que fui, o bicho me bateu, parece que ele xingú de mim, ai o missionário desceu fui ver, mexeu com o pau de longe e falou, olha isso não é um bicho qualquer, isso é um peixe chamado Jacaré, ai depois deles matarem o jacaré ele deu três tiros de bacamarte no jacaré, puxaram pra terra levaram pro tapirí aos pedaços, o missionário perguntou então pro Henrique como é o nome desta localidade, Henrique respondeu não tem, ai o missionário disse eu tenho o nome agora, Jacaré é o peixe, ele xingú da Thiara, ficou Jacaré Xingú, parece piada mas eu encontrei nos livros da Universidade Federal do Pará (Fala do senhor Benedito Xavier Alves, entrevistado em 02-04-2018).

Imagem 01: Mapa localizando o município de Cametá, seu distrito Curaçambaba, referencia do Rio Jacaré Xingú .



Fonte <https://www.google.com.br/maps>.

Podemos perceber através do relato do senhor Benedito Xavier Alves, não só a questão referente à nomeação das localidades e a forma peculiar que eram dados às nomeações dos espaços, mas, como também se estabelecia as relações entre indígenas, europeus e negros, como as interações estabelecidas entre estes influenciaram e contribuíram para a formação das identidades culturais brasileira, e principalmente da região Tocantina.

A vida dos ribeirinhos das comunidades Rio Jacaré Xingu se desenvolve em torno do rio, seus furos e igarapés, isso faz com que as locomoções se deem exclusivamente no meio hidroviário, por meio de casco⁴ e remo, rabudos⁵, voadeiras e barcos pequenos. Para chegarem à cidade de Cametá se utiliza “barco da linha” que é pago um custo. Os meios de comunicação utilizados é o celular, radio e a televisão. Atualmente a energia elétrica já é uma realidade no Rio, mas esse benefício só se fez presente entre os ribeirinhos Xinguenses graças a muitas reivindicações e esforço dos mesmos.

⁴ Canoa: em geral canoa é a definição que se aplica a uma embarcação leve a remo ou a vela.

⁵ Rabudo: rabudo é uma embarcação de pequeno porte com motor na popa.

Imagem 02: Rio jacaré Xingú vista pelo próprio rio. Fonte: NUNES, 2018.



1.3 ECONOMIA, SUSTENTO E ATIVIDADES PRODUTIVAS.

O sujeito é um ser humano, um ser social, um ser singular. Segundo Charlot, o sujeito age no e sobre o mundo e por isso a questão do saber é uma necessidade de aprender, produzindo a si próprio, por meio da educação (CHARLOT, 2000). Para ele todo o sujeito aprende com sua relação com o mundo, assim, a camada popular no caso os ribeirinhos na visão de Charlot interiorizam o saber que aprende no seu dia-a-dia e esse saber é fundamenta para a manutenção da sua sobrevivência.

Os ribeirinhos da localidade de rio Jacaré Xingú buscam várias formas para garantir a sua sobrevivência, trabalham com o açaí, sendo que o fruto do açaí é um dos principais produtos extraído da floresta pelo os moradores tanto para o consumo, como para a venda, que é feita na vila de Curuçambaba ou diretamente na cidade de Cametá.

A pesca também é um meio de sobrevivência bastante utilizado no Xingu, fundamentalmente para o consumo do dia-a-dia dos habitantes. Mas importante mencionar que esta comunidade fica três meses por ano proibida da atividade pesqueira, principalmente da

pesca do mapará⁶, no período em que acontece a piracema⁷, quando ocorre a reprodução de várias espécies de peixes. Depois desse período, se dá a liberação da pesca e a localidade xinguese é famosa na região por garantir toneladas do peixe, que é pescada em conjunto e distribuída por igual entre os moradores.

A pesca do mapará acontece no dia 1º de Março, dia que se abre a pesca para todas as regiões, antes desse dia, enquanto a pesca está fechada e devido a existência de um acordo de pesca com os moradores desta localidade, os mesmos se reúnem, e fazem reuniões, nessas reuniões se discute alguns assuntos ligados a preservação do rio, como por exemplo quais os homens que vão vigiar o rio, quais os responsáveis por cada grupo de família, qual turma de puçá (puçá é a rede de pesca) que irá pegar ou pescar o mapará. Os homens escolhidos para vigiar o rio, esses ficam responsáveis em vigiar durante um ou dois meses todas as noites que antecedem a abertura da pesca, para evitar a pesca predatória de peixes pequenos e também evitar o envenenamento do rio, esse envenenamento pode acontecer por pessoas que pensam em prejudicar a comunidade que é uma das maiores produtoras desse pescado na região. Os responsáveis pelos grupos são dois ou três homens ou mulheres, esses responsáveis são escolhidos pelos grupos, esses grupos são uma certa quantidade de famílias que moram próximas umas das outras, esses ficam responsáveis pela divisão igualitária do mapará pescado. Nessas reuniões é decidido qual a turma de puçá será o responsável pela captura do mapará, após ser escolhido qual a turma que vai fazer o trabalho a mesma é comunicada, e essa turma é convidada para uma reunião onde é decidido a quantidade a ser dividida entre a comunidade e a turma, geralmente é no meio, exemplo se pegarem 100 paneiros de mapará, 50 pra comunidade e 50 para a turma. Após essa divisão a comunidade e a turma ainda tiram uma quantidade de peixe para darem para os populares, que são popularmente conhecidos por guaxinim, essas pessoas que vem de outras localidades. (Sinvaldo Duarte Rodrigues, morador da comunidade de Rio Jacaré Xingú, entrevistado em 24 de setembro de 2018).

O relato de Sinvaldo Rodrigues nos revela vários saberes contidos na abertura da pesca, que não é somente um momento de captura de alimentos, mas perpassam por outros campos que é a questão da solidariedade e companheirismo, onde a comunidade se reúne para celebrar a união e o alimento, mas apreciado da região que é o Mapará. As famílias se reúnem antes do dia da pesca selecionam os pescadores e o restante da comunidade fica nas suas casas esperando o momento de pescar seu peixe, após capturado os pescadores dividem em partes iguais os peixes e levam de casa em casa a parte que cabe a cada família. Além do peixe também

⁶ **Piracema** é o período de reprodução dos peixes. A palavra vem do tupi e significa “*subida do peixe*”. Durante esse período, diferentes espécies de peixes se deslocam até as nascentes dos rios ou até regiões rasas dos rios para desovar, se reproduzir.

⁷ O **mapará** (*Hypophthalmus edentatus*) é uma espécie de peixe teleósteo, siluriforme, da família dos hipofthalmídeos, exímio migrador e que tem sua dieta baseada no consumo de fito e zooplâncton. Peixe símbolo da região do baixo Tocantins, no Pará, possui dorso azulado, ventre esbranquiçado, também chamado de cangatá, mandubi, mapurá e mapará de Cameté, onde é principal integrante da dieta alimentar dos ribeirinhos.

se dá a captura do camarão e os benefícios sociais do Governo Federal, como: o bolsa família e o seguro defeso.

A população dessa região produzem a confecção de “paneiros”⁸ como uma de suas principais atividades econômica familiar, dentre outras desenvolvidas. Estas atividades mesmo de pequeno porte se caracterizam por serem atividades sazonais e com apetrechos simples. Baseada em técnicas artesanais, a produção é em pequena escala.



Imagem 03: Paneiros em produções, feito com fita de plástico. Fonte Nunes, 2018.

A produção de paneiros, é feitas da seguinte maneira, os homens tiram a madeira prima que é o Urumã com a Jacitára oriundas da natureza e trazem para a casa, então as mulheres destalam e começam a tecer o paneiro, quando está na altura de dobrar o beco elas entregam para os homens, são eles que fazem a dobra do beco. Depois de pronto, são elas que fazem a venda para os compradores. Mas com o passar dos tempos essas duas matérias primas tiradas da natureza, foram acabando, devido a extração desordenada, onde os tiradores de Jacitára e Urumã, só tiravam e não plantavam, então por esse motivo na localidade de rio jacaré xingú, não se tinha mas essas duas matérias primas, para que suprisse as necessidades dos produtores de paneiro. Então os produtores tiveram que procurar essas duas matérias primas em outras localidades do município, ou até mesmo em outros municípios próximos, onde ainda se encontrava, Mas como só se tirava e não se plantava, então essas matérias primas foram diminuindo até não suprir a demanda da produção. Então os compradores de paneiro encontram outra maneira para que a

⁸ É um cesto feito de talas retirado de dois cipós chamado “arumã” ou “urumã” e “jacitara” bastante peculiar da região Tocantina.

produção não parece, essa maneira foi encontrada em uma espécie de fita industrializada, uma fita de plástico, que faz a vez da Jacitára, e do Urumã. (Senhor Benedito Xavier Alves, entrevistado data 02-04-2018).

Como vimos na fala do Senhor Xavier a produção do paneiro atualmente passa por mudanças, isso porque a retirada desordenada da matéria prima que são os cipós Jacitara e o arumã levaram a extinção dos mesmos na região, levando os ribeirinhos buscarem um novo meio e matéria para conseguir continua a prática que se mantem por ano e é repassada de geração para geração. Em relação a essa mudança Roque Larraia chama atenção, levando-nos a perceber que a cultura é dinâmica, pois, a cultura está em constante mudança e o sujeito constrói e reconstroem suas práticas conforme o seu espaço e seu tempo. (LARRAIA, 2001). E como os artesãos não tinham mais a matéria prima vindo da natureza, eles inseriram a fita te plástico e dão continuidade na técnica de tecer paneiro, o que se torna na localidade um dos maiores meio de sobrevivência, principalmente para as mulheres.



Imagem 04: Árvore de Arrumam. Fonte: NUNES, 2018.

CAPITULO II

O BANGUÊ INSTRUMENTO PEDAGÓGICO QUE VIVE E RESISTE

2.1- ENTRE RIOS BATUQUES, CANTORIAS E SABERES.

Como vimos anteriormente o povo da localidade de rio Jacaré Xingú tem espaços e modos de vida muito peculiaras das regiões ribeirinha Tocantina e também práticas culturais ricas, entre as quais se faz presente o Banguê, como uma das principais práticas culturais e, assim como a produção de “paneiros”, vem sendo repassada de geração para geração. O Banguê é uma prática rítmica que utiliza inúmeros instrumentos que tem um som muito animado e dançante, onde os tocadores também cantam música de autoria própria ou músicas que existem há muito tempo e são repassados a novas gerações (PINTO, 2007). Os instrumentos são produzidos pelos próprios componentes do grupo do banguê, embora atualmente já introduziram instrumentos feitos em fabricas industrializados.

Antigamente o Banguê no rio Jacaré Xingú, animava todas as festas da localidade, não se tinha outro meio de embalar e animar as festas como relata Neidina Rodrigues, filha de um dos fundadores do Banguê na localidade pesquisada.

Antigamente era muito bonito, meu pai tocava era animado, no todas dançavam, porque não tinha muito essas bandas que tem hoje. Principalmente no tempo da minha mãe era só o banguê mesmo e eles gostavam muito (Fala de Maria Neidina filha de Nelson Alves Rodrigues um dos fundadores do Banguê os xinguenses, entrevistada realizada no di 20 de agosto de 2018).

Como vimos o Banguê era uma das principais formas de diversão no passado o relato, em todas as festas da localidade, outro fator relatado e a questão das mudanças que ocorreram na localidade em relação a prática cultural que era predominante e foi perdendo sua dominância em relação às bandas que já tinham novas formas de produzir musicalidade.

Pinto (2007) aborda o Banguê Cinco de Ouro da vila do Juaba de forma bem detalhada destacando da existência de outros grupos de Banguê da região Tocantina, menciona também a existência do grupo os xinguenses de rio Jácaré Xingú, que na época da sua pesquisa está em desagregação, o banguê nessa fase já passava pela a segunda geração que era os xinguenses, segundo senhora Neidina, no rio jacaré Xingú já passou por três gerações.

A primeira foi do meu avô o nome era Fila harmônica ai foram ficando velhos, então veio a geração do meu pai, que era os Xinguenses, meu pai tocava tamboro, tio Idegar viola, Tio Janito pandeiro, o Merenda chocalho e o Inácio Queiros reco-reco. Todos cantavam dessa geração o único vivo é o tio Janito

(Maria Neidina, filha de Nelson Alves Rodrigues um dos fundadores do Banguê os xinguenses, entrevistada realizada no dia 20 de agosto de 2018).

O Banguê é uma prática que se mantém na localidade de rio Jacaré Xingú por várias gerações o relato Maria Neideina traz como essa prática sempre foi importante, mas também como ela vai passando de geração em geração como um patrimônio cultural da localidade, tendo passado de pai para filhos. E também importante salientar que cada responsável por tocar os instrumentos vai passando o saber específico daquele instrumento para um filho, ou um neto como uma forma de manutenção e valorização da prática.

O Banguê os Mauricinhos surgiu por causa de um Tambor, esse tambor pertencia ao senhor Nelson Alves Rodrigues que é avô do João Mauricio. Esse tambor estava na casa do João Duarte filho do Nelson e tio do João Mauricio. Então o João Mauricio pediu esse tambor para o João Duarte e ele deu. Nessa época eu com o João Mauricio fomos trabalhar para o Moju na casa de um tio meu, lá conseguimos couro de viado, quando voltamos para o Xingú resolvemos fazer um Banguê só tínhamos esse tambor dois chocalhos de baldinho de cúia, um reco-reco, mas faltava muito para formarmos um banguê, então soubemos que um senhor que morava na localidade de Maracú tinha todos os instrumentos e queria vender, resolvemos ir lá comprar, quando chegamos lá o senhor não tinha mas os instrumentos. Na volta o Vanclei falou que o João do Agrícola tinha todos os instrumentos e queria vender só que ele queria duzentos e cinquenta reais em tudo. Conversei com o Mauricio e resolvemos ir lá comprar, chegando em Curuçambaba onde mora o João do Agrícola fomos até a casa dele, chegamos na casa dele falamos pra ele se ainda tinha os instrumentos e se ainda queria vender, ele disse que tinha e vendia, então compramos, tinha um banjo, um tambor, uma marcação, um afoxé e uma onça. Trouxemos esses instrumentos e colocamos o couro no tambor que era do senhor Nelson e avisamos os integrantes para começar a ensaiar para sair no dia seis de Janeiro, no dia de reis. Só faltava o nome, então resolvemos botar o nome de Banguê Os Mauricinhos (Entrevista realizada com José Maria Barra de Sena, mais conhecido por Bica, entrevista realizada 20 de agosto de 2018).

O relato do componente do Banguê dos Mauricinhos evidencia a terceira geração que nasceu em 2013 quando este pesquisador junto com familiares e amigos viram o tamboro do seu avô num canto da casa e resolveram dar continuidade na prática cultural que foi sendo deixada de geração em geração na família e na localidade de Rio Jacaré Xingú. Mostra também como a cultura e o aprendizado é repassado de geração em geração fazendo a cultura dinâmica como nos mostra Roque Larraia.

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os

diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, (...), o resultado da operação de uma determinada cultura (LARRAIA, 2011. P. 69-70)

Mas, no decorrer do tempo com as mudanças tecnológicas e surgimentos de bandas, sons automotivos e aparelhos de som essa prática vem diminuindo, se tornando algo cultural e tradicional, só vista em apresentações na comunidade e no dia 06 de janeiro, dias de reis.

2.2- BANGUE E A RELIGIOSIDADE

A relação de música e religião é uma realidade presente em expressões culturais. E toda a expressão religiosa se adequa a seu contexto no meio que esta inserindo. Por isso, na localidade estudada o Banguê também se apresenta na religiosidade local é comum em dias dos reis os grupos visitarem as casas da comunidade “tirando rei”

Geralmente quando saímos tirando rei, levamos o menino Jesus que é o rei para receber os presentes e saímos de casa em casa do rio, quando as pessoas não tem donativos ou não querem receber o grupo na sua casa, isso de madrugada, elas apagam a lamparina é um forma de saber que naquela casa não vamos entrar (Fala de José Maria membro do grupo os Mauricinhos, entrevistado realizada no dia 20 de agosto de 2018).

O relato do José Maria evidencia como a religiosidade e a musicalidade estão presentes no cotidiano da comunidade do Xingú, também observamos todo o ritual que se da em torno da prática do Banguê, principalmente no dia de reis, dia em que é tradição na região tocantina, os grupos Banguê saírem em busca de donativos e oferendas para o menino Jesus. Sendo assim a religiosidade, a música e rituais também fazem parte da prática do Banguê percebam como funciona essa relação na comunidade que faz com que a pratica se perpetue.

Nas letras das musicas também estão carregada de significados onde manifesta a religião dos ribeirinhos.

Se Deus quiser e a minha perna não bambiar, vou pra curuçambaba passar a festa do Pilar (Bis), chegando lá na matriz eu vou rezar, vou prestar minha homenagem para a virgem do Pilar, chegando lá na matriz eu vou rezar vou prestar minha homenagem para virgem do pilar.

Essa música do Banguê Os Xinguenses foi feita para se apresentarem na festividade de nossa Senhora do Pilar na vila de Curuçambaba. Nossa senhora do Pilar é considerada a

padroeira da localidade e todo ano é festejada no mês julho no distrito de Curuçambaba onde reuni pessoas de todas as ilhas próximo ao distrito, além de turistas da capital Belém e do município de Cametá, em geral, que vem em busca de diversão e também por devoção a Virgem do Pila.

Geralmente o grupo de Banguê os xinguenses participavam da festividade animando o arraial e na ocasião compuseram uma musica exclusivamente para a festa. Presenciamos na letra da musica o quanto é forte a crença na santa, e como se dão as homenagens à mesma.

Outra Música do Banguê os Xinguenses muito importante e tocada até hoje foi feita quando foram convidados para se apresentarem no arraial de São João Batista.

Nós viemos do Xingú, nesta cidade cantar, prestar nossa homenagem ao padroeiro de Cametá (Bis), São João Batista é o santo protetor, nas águas do rio Jordão batizou o nosso salvador, nas águas do rio Jordão batizou nosso salvador, salvador é Jesus Cristo nos dei a sua benção ao povo aqui presente i a toda a população, ao povo aqui presente i a toda população. Na cidade de Cametá não estamos só, estamos acompanhado do grande maestro Cupijó, estamos acompanhados do grande maestro Cupijó.

Nós viemos do Xingú, nesta cidade cantar, prestar nossa homenagem ao padroeiro de Cametá (Bis), São João Batista é o santo protetor, nas águas do rio Jordão Batizou o nosso salvador, nas águas do rio Jordão batizou o nosso salvador, salvador é Jesus Cristo nos dei a sua benção ao povo aqui presente i a toda população, ao povo aqui presente i a tida população. Na cidade de Cametá não estamos só, estamos acompanhado do grande maestro Cupijó, estamos acompanhado do grande maestro Cupijó. (música para homenagear São Joao Batista do grupo os Xinguenses).

Analisando a musica é possível perceber que ela retrata a cultura cametaense e também figuras muito importante da nosso cultura como o Mestre Cupijó, além também de santos padroeiros da cidade de Cametá como São João Batista. A letra da musica é rica e mostra como o Banguê é fonte de conhecimento que busca a valorização dos sujeitos a qual esta prática pertence além reforçar a identidade cultural de seus participantes.

2.3- BANGUÊ MUSICALIDADE E PRODUÇÃO

Pinto (2007) traz a história do Banguê, como uma manifestação cultural iniciada na região do Tocantins, mais precisamente no quilombo do Mola que se espalhou por toda a região tocantina. Esta autora destaca que:

Segundo a oralidade local, as cantorias do Banguê juntamente com o Samba de Cacete, eram os sons que animavam e embalavam as pessoas nas festas realizadas no quilombo do Mola. Enquanto a dança do Bambaê do Rosário selava um compromisso de devoção e fervor dos negros com Nossa Senhora do Rosário, o Banguê e o Samba de Cacete contemplavam a celebração do ritual da solidariedade, da euforia, da diversão e da celebração do culto à própria vida dos negros quilombolas ou mocambeiros que se abrigavam nas cabeceiras dos igarapés, entre as matas da região tocantina (PINTO, 2007, p. 125).

As músicas do Banguê também merecem destaque para Pinto (2007), suas letras descrevem o cotidiano das pessoas que estão inseridas na realidade onde se insere essa manifestação cultural:

As músicas dos grupos de Banguê sempre brotam naturalmente na boca dos seus trovadores. As melodias fluem com naturalidade, conforme o momento que os componentes estão vivendo e por motivos diversos: por gozação ou simples brincadeiras com as pessoas que se encontram no recinto onde um grupo está se apresentando; para expor histórias de amor e outras situações. Portanto, as letras das músicas surgem de improvisos, narrando fatos cotidianos das vidas dos cantadores, tocadores e dançadores ou ainda do meio em que estão inseridos (PINTO, 2007, p. 143- 144).

Sendo assim, percebemos que as músicas do Banguê retratam o cotidiano de quem se insere nessa prática ou faz parte da comunidade onde estão os grupos. Portanto, essa manifestação cultural pode ser entendida como recurso pedagógico, capaz de facilitar e inserir práticas culturais e a realidade dos sujeitos que fazem parte dessa manifestação cultural, como uma forma de afirmação e valorização da história e cultura desses sujeitos, mas também como processo de formação consciente.

Música Banguê do Mauricinho

Lá no xingú tem gente que tem carinho
Morreu o velho Nelson, mas ficou o Mauricinho.
Nossa cultura é lembrança do vovô que morreu velho e foi mora lá com o senhor (Bis).
O banguê esta no nosso coração
O banguê do Mauricinho é a nova tradição
Gostei de ver, gostei de ver, gostei de ver o banguê do Mauricinho esta botando pra ferver (Bis)

A letra da música Banguê do Mauricinho evidencia como o Banguê resiste ao tempo, visto que a mesma mostra que nos dias atuais o Banguê vem sendo comandado por uma nova geração de tocadores, que apesar de inserirem novos instrumentos de cordas, mas ainda tem sua raiz e identidade no antigo Banguê os Xinguenses. “Morreu o velho Nelson, mas ficou o mauricinho” trecho que evidencia bastante essa resistência e repasse de conhecimento.

O Banguê segundo Pinto, é constituído por cantorias com sons que animam e embalam as pessoas nas festas, tem uma série de saberes no conteúdo de suas músicas e no processo de confecção dos instrumentos que são transmitidos. Nessa musica podemos analisar como a tradição é repassada de geração para geração e como os sujeitos inseridos no meio social se orgulham da sua cultura e de seus antepassados.

Os componentes do banguê sempre tocam tomando alguma bebida que, segundo a tradição, serve para esquentar a garganta e assim poderem tocar e cantar por horas.



Imagem 05: O banjo é considerado a alma do Banguê. Fonte Nunes, 2018.

Os instrumentos utilizados pelo grupo de Banguê são o banjo que é um instrumento feito de corda, para os componentes do grupo o banjo é considerado o principal instrumento dentro do banguê, pois, é ele o responsável por tirar, ou iniciar as músicas. No grupo do Banguê do Mauricinho, o tocador do banjo é Edinelson Rodrigues.

Para a gente fazer o tambor é preciso pegar um tronco de árvore da mata, passar por um processo de limpeza, após essa limpeza o tronco ganha forma de cilindro, depois de limpo ele é pintado. Após essa pintura ele recebe o couro de veado (Fala de Vanclei Paulo, tocador do tambor, entrevistado realizada em 20 de junho de 2018).

O tambor é um instrumento feito de tronco de madeira, existe todo um processo para confeccionar o tambor, além de precisar do couro de veado o que faz com que se torne difícil para conseguir o couro principalmente na região. Podemos perceber que os saberes de confeccionar os instrumentos são repassados e aprendidos pelo os jovens da localidade. Para Nunes, nas comunidades tradicionais os saberes são apreendidos e repassado através da oralidade e do ver a educação dos sentidos (NUNES, 2016). Assim se dá o fazer da fabricação dos instrumentos.



Imagem 06: A marcação. Fonte Nunes, 2018.



Imagem 07: o instrumento onça. Fonte: Nunes, 2018.

A marcação é um instrumento, que é feito da mesma madeira do tambor, a diferença do tambor para a marcação é que a marcação é menor de comprimento e feito de um tronco mais grosso, quem toca esse instrumento é o Joelson Mendes. A onça é um instrumento feito de um tronco de madeira oco com forma cilíndrica. E é feito da mesma forma que o tambor e a marcação, a diferença é que a onça é feita de um tronco menor e mais fino ou de menor diâmetro. A onça é tocada por Sinvaldo Rodrigues.



Imagem 08: reco-reco. Fonte Nunes, 2018.



Imagem 09: O chucalho. Fonte Nunes, 2018.

Reco-reco é feito de Bambu, e é tocado por José Maria Barra. O chucalho é um instrumento feito de balde de cuieira⁹, o mesmo é colhido e retirado uma massa que há dentro do mesmo, após retirar toda a massa espera uns dias até secar, depois de seco, se coloca frutas de lágrima dentro do balde seco depois coloca um cabo, e está pronto o chucalho. No banguê se usa dois reco-recoe é tocado por Jhon Leno e o Afoxé instrumento que mostra a imagem 10 é tocado por Maurício Rodrigues.



⁹ *Crescentia cujete* é uma [espécie](#) de [planta com flor](#) pertencente à [família Bignoniaceae](#). É conhecida popularmente como **cuieira**, **cabaceira**, **árvore-de-cuia**, **cuitê**, **cuitê**, **coité** e **cabaça**

Imagem 10: Afroxé. Fonte <https://www.google.com.br/>, 2018.

É perceptível como no Banguê que a presença masculina é marcante e quase predominante, mas as mulheres e crianças tem sua participação, acompanhando as cantorias e dançando e incentivando os homens a darem procedimento na prática. Portanto a participação homens, mulheres e crianças é fundamental para a valorização do Banguê.

2.4- ESPAÇO ESCOLAR E BANGUE

A lei de diretrizes e bases da educação nacional estabelece no seu Art. 1 A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Lei de diretrizes e bases da educação nacional, 2017). Através do artigo primeiro tornou-se justificável a importância da prática cultural Banguê como prática pedagógica. Embora seja uma prática enraizada na cultura Xinguense, no decorrer da pesquisa, percebemos que essa prática ainda se encontra distante do espaço escolar. Isso se dá pelo fato, conforme afirma Candau (2011), que a educação brasileira por muito tempo esteve centrada em um ideal de igualdade, e infelizmente esse modelo educacional se manteve até os dias atuais, onde se buscou apagar as diversidades existentes dentro do espaço escolar, como uma forma de universalizar o saber. Além do mais, a educação brasileira está preocupada em formar mão de obra para o mercado de trabalho e com isso deixa de abranger, no processo de escolarização, a realidade e a diversidade cultural dos vários sujeitos que compõem esse espaço (CANDAU, 2011).

Existem críticas sobre o problema da educação brasileira que produz uma educação que reproduz a desigualdade, a marginalização e a miséria. Freire (2005) defende que o ensinar a não pensar é algo puramente planejado pelos que estão no poder, para que possam ter em suas mãos a maior quantidade possível de oprimidos, que se sentindo como fragilizados, necessitam dos que dominam para sobreviverem. Neste sentido, ensinar a pensar e problematizar sobre a sua realidade é a forma correta de se reproduzir conhecimento, pois é a partir daí que o educando terá a capacidade de compreender-se como um ser social (FREIRE, 2005).

Portanto, quando falamos de educação não nós restringimos somente ao espaço escolar, mas a todos os âmbitos onde o indivíduo aprende e ensina, gerando conhecimento

cultural, histórico e experiências fundamentais para a manutenção da vida. Trata-se de uma educação ao longo da vida e por toda a vida como considera a UNESCO). Pois, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) que tem o papel social de contribuir para a consolidação da paz, a erradicação da pobreza e o desenvolvimento sustentável através da promoção da educação, das ciências, da cultura, da comunicação e da informação.

Embora seja lei trabalhar a cultura, história e realidade dos alunos em sala de aula ainda há um distanciamento muito grande da cultura com a saber formal. Como nos relata o professor Paulo Sergio Rodrigues Gonçalves da escola Municipal de ensino Fundamental Jacaré Xingu (queira ver a imagem 11).



Imagem 11: da escola de rio Jacaré Xingu. Fonte NUNES, 2018.

Nota-se que os educandos possuem uma ligação musical bem forte, e alguns alunos conhecem e reproduzem melodia, rimas do banguê dentro de sala de aula. Mas infelizmente não temos um Projeto político pedagógico que busque a valorização da cultura local com mais ênfase (Professor Paulo Rodrigues , em 06 de 2018).

Na fala do professor Paula podemos observar como a cultura é um fator predominantes na vida dos alunos dessa comunidade, que embora a escola não contemple a realidade cultural, mas o alunos constantemente reproduzem letras e melodia evidenciando o quanto bague ainda esta presente entre eles. Para Nilma Lino é preciso levar em consideração que que os alunos são sujeitos sócio-culturais e que os mesmos vivenciam diferentes processos sócios culturais na sua relação com o mundo, nas relações sociais e nos ambiente escolar. (GOMES, 2003). Mas ainda presenciamos uma resistência por parte da educação de inserir temática como a cultura local, raça etnia entre outros pontos fundamentais para que todos os diferentes sujeitos possam ter no espaço escolar um campo de dialogo e construção de sujeitos críticos.

Para Godoi a visão de trabalhar na educação musical os aspectos culturais dos alunos, seu meio e a música como elemento de interação entre as outras disciplinas escolares, apareceria em nossa história a partir da metade do século XX, junto à evolução da educação infantil como instituição educativa (GODOI, 2011). Como vimos no relato do Professor os alunos manifestam interesse na prática do Banguê, principalmente as músicas o que faz eles reproduzirem a até mesmo no espaço escolar, como uma forma de resistência e diálogo com o saber escolar.

A educação formal escolar ainda atropela o conhecimento tradicional, considerado pelo povo Assurini como primordial e ainda há falta de diálogo e capacitação dos professores em relação a um saber que leve em consideração a realidade da comunidade e seus sujeitos (NUNES, 2014, p. 65).

Como vimos na citação acima, Nunes em seu trabalho na etnia indígena Assuriní, ela analisa como os saberes informais se embatem com os saberes formais e gritam pelo diálogo, para que os sujeitos e seu modo de viver sejam levados em consideração no espaço formal da educação (NUNES, 2014). No rio jacaré Xingu não é diferente também há essa necessidade do diálogo da realidade dos alunos em sala de aula.

O Banguê, constituído por cantorias com sons que animam e embalam as pessoas nas festas, tem uma série de saberes no conteúdo de suas músicas e no processo de confecção dos instrumentos que são transmitidos e usados na comunidade e que precisam ser pensados como conhecimentos escolares e trabalhados através da prática pedagógica. Isso é necessário, pois a localidade de Rio Jacaré Xingu que está localizada no município de Cameté é uma comunidade ribeirinha permeada de cultura onde se destaca o Banguê. É visível o interesse das crianças por essa prática que é repassada a gerações. Sendo assim, embora venha sendo pouco praticado, o Banguê é visto com muito orgulho e valorização principalmente pelos jovens, que sonham um dia poder fazer parte de grupos de banguê Por isso, esta prática cultural precisa ser pensado e analisado como formas de saberes e aprendizagem para os sujeitos ribeirinho do rio Jacaré

Xingú, pois como afirma Freire (2005) à realidade dos sujeitos produz conhecimento e fazem eles compreenderem que são seres sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo visou mostrar a importância do Banguê na construção de conhecimento, valores e identidade dos ribeirinhos xinguenses, essa prática cultural embalou gerações, prática que como o trabalho evidenciou vem da nossa herança negra trazidos da África para o Brasil que se configura e se reconfigura dentro dos espaços específicos do Brasil.

A partir da educação não formal esse trabalho analisa a prática cultural Banguê como um instrumento pedagógico no ensino e na aprendizagem de diferentes gerações na comunidade de Rio Jacaré Xingú. Infelizmente a educação formal decorrer no da pesquisa, percebemos que essa prática ainda se encontra distante do espaço escolar. Isso se dá pelo fato, conforme afirma Candau (2011), que a educação brasileira por muito tempo esteve centrada em um ideal de igualdade, e infelizmente esse modelo educacional se manteve até os dias atuais, onde se buscou apagar as diversidades existentes dentro do espaço escolar, como uma forma de universalizar o saber.

Portanto, quando falamos de educação não nós restringimos somente ao espaço escolar, mas a todos os âmbitos onde o indivíduo aprende e ensina, gerando conhecimento cultural, histórico e experiências fundamentais para a manutenção da vida. Embora seja lei trabalhar a cultura, história e realidade dos alunos em sala de aula ainda há um distanciamento muito grande da cultura com a saber formal. Sendo assim através das biográficas e dos relatos orais podemos conhecer a importância histórica do Banguê nas comunidades ribeirinhas, compreendendo como se dá a relação dos saberes e práticas culturais proporcionadas pelo Banguê na construção da identidade da população do Rio Jacaré Xingú.

A música do Banguê é carregada de simbolismo, religiosidade e história capaz de transmitir todo o valor da prática em si, afirmar a religiosidade local que também apresenta uma forma de saber.

A confecção dos instrumentos é uma forma de socialização de saberes onde um aprende com o outro podemos perceber que a relação com a natureza esta muito presente nas confecções dos instrumentos, a maioria deles é confeccionado como, madeira e resto de animais como o couro de veado, fazendo com que os sujeitos busquem respeitar e valorizar o meio ambiente que é muito importante para os ribeirinhos e para a continuidade do Banguê.

O Banguê é uma prática cultural afro-brasileira que deve ser vista como uma prática pedagógica, capaz de afirmar identidades e fazer com que as populações ribeirinhas se reconheçam como sujeitos históricos no processo educacional, pois essa prática é carregada de saberes que estão arraigados nas vivências cotidianas, na memória dos mais velhos, nos gestuais

corpóreos, na musicalidade, nas diferentes formas de trabalho e de diversão, na confecção das ferramentas e petrechos de trabalhos, e nos instrumentos musicais do Banguê.

FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA:

a) FONTES ORAIS:

José Maria Barra de Sena componente do grupo o Mauricinho, 29 anos.

Maria Neidina, filha de Nelson Alves Rodrigues um dos fundadores do Banguê os xinguenses, 54 anos.

Sinvaldo Duarte Rodrigues morador de rio Jacaré Xingú, 48 anos.

Benedito Xavier Alves umas das pessoas consideradas lideranças da comunidade, 71 anos.

Vancei Paulo Cruz, membro do grupo Os Mauricinhos.

b) FONTES IMAGÉTICA:

Imagens fotográficas feitas no decorrer da pesquisa de campo e Imagens fotográficas localizadas nos acervos familiares.

c) FONTES BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Vera Maria e MOREIRA, Antonio Flávio. Multiculturalismo: **Diferenças Culturais Práticas Pedagógicas.** Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

DAYRELL, Juarez (org.) **Múltiplos Olhares Sobre Educação e Cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FERREIRA, Thais Barbosa; HELAL, Diogo Henrique e PAIVA, César Martins. **Artesanato, Aprendizagem Social e Comunidade de Prática:** um estudo com rendeiras em Alcaçuz (RN), Rio de Janeiro 2014.

FREIRE, P, **Pedagogia do oprimido.** 45° ED. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Cultura Negra e Educação In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, maio-agosto, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopez Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.10-24.

LIRA, Talita de Melo, CHAVES Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia:** organização sociocultural e política. **IINTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1., 66-76, jan./mar. 2016

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NUNES, Maria de Fátima Rodrigues. **Educação indígena “um portal para conhecer o outro”:** **Hstória, identidade e saberes da comunidade Assuriní do Trocará**. Cametá-Pa, 2014.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Memória, oralidade, dança, cantorias e rituais em povoado amazônico**. Cametá: BCMP Editora, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, maio-agosto, 2003.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa Participante. Editora Brasiliense. São Paulo, 1988.
- CANDAU, Vera Maria e MOREIRA, Antonio Flávio. **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- CHARLOT, Bernard. **Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização**. Porto Alegre: Artes Médicas,
- COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Hessel, SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, maio-agosto, 2003.
- DALBERIO, Osvaldo; DALBERIO, Maria Célia Borges. **Metodologia Científica: desafios e caminhos**. São Paulo: Paulus, 2009 - (Coleção educação superior).
- DAYRELL, Juarez (org.) **Múltiplos Olhares Sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- FERREIRA, Thais Barbosa; HELAL, Diogo Henrique e PAIVA, César Martins. **Artesanato, Aprendizagem Social e Comunidade de Prática: um estudo com rendeiras em Alcaçuz (RN)**, Rio de Janeiro 2014.
- FREIRE, P, **Pedagogia do oprimido**. 45º ED. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GODOI, Luis Rodrigo. **A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia da UEL - Universidade Estadual de Londrina, 2011.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. 104 p.
- GOMES, Nilma Lino. Cultura Negra e Educação In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, maio-agosto, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopez Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.10-24.

Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017 .Educação, legislação, Brasil. 2. Educação e Estado, Brasil. 3. Políticaeducacional, Brasil.

LIRA, Talita de Melo, CHAVES Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia**: organização sociocultural e política. IINTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1,. 66-76,jan./mar. 2016

NUNES, Maria de Fatima Rodrigues APRENDE BRINCANDO”: A CRIANÇA ATUANDO ENTRE O POVO ASSURINÍ DO TROCARÁ, MUNICÍPIO DE TUCURUÍ-PA. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins/UFPA– Cametá 2017.